

# Revista de Comunicação Científica: RCC



# ARTIGO

## A MEMÓRIA E HISTÓRIA DA FORMAÇÃO E DA EDUCAÇÃO DE ÁGUAS CLARAS DISTRITO DE JUARA – MT

The memory and history of training and education in  
Águas Claras district of Juara–MT

La memoria y la historia de la formación y la  
educación en el distrito de Águas Claras de Juara-MT

Ronélia do Nascimento

Mestra em Educação pela UNEMAT. Professora do  
Curso de Pedagogia da UNEMAT-Campus de Juara.  
Membro do Laboratório de Estudos e Pesquisa da  
Diversidade da Amazônia Legal - LEAL (CNPq)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2439-2278>

E-mail: [ronelia.do.nascimento@unemat.br](mailto:ronelia.do.nascimento@unemat.br)

Denise Wurzler

Mestra em Educação pela UFMT. Professora do Curso  
de Pedagogia -Campus Universitario de Juara-MT.

E-mail: [denisewurzler@unemat.br](mailto:denisewurzler@unemat.br)

Alceu Zoia

Pós Doutorado em Educação pela UFPR. Professor  
adjunto da UNEMAT, atuando em diversos cursos e é  
professor do Programa de Pós-Graduação -  
PPGEDU/UNEMAT, professor permanente do  
PPGECII - Programa de Pós-Graduação em Contexto  
Intercultural Indígena.

Orcid.org/0000-0002-0512-9511

E-mail: [alceuzoia@gmail.com](mailto:alceuzoia@gmail.com)

Como citar este artigo:

Nascimento, Ronélia do. WURZLER, Denise. ZOIA,  
Alceu. A memória e história da formação e da  
educação de Águas Claras Distrito de Juara–MT In  
**Revista de Comunicação Científica – RCC**,  
Jan/julho, Vol. I, n. 11, pgs. 132-148, 2023. ISSN 2525-  
670X.

Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/RCC/index>

Volume I, número 11 (2023)

ISSN 2525-670X

## A MEMÓRIA E HISTÓRIA DA FORMAÇÃO E DA EDUCAÇÃO DE ÁGUAS CLARAS DISTRITO DE JUARA – MT

The memory and history of training and education in Águas Claras district of Juara–MT

La memoria y la historia de la formación y la educación en el distrito de Águas Claras de Juara-MT

### Resumo

Águas Claras é um pequeno Distrito do Município de Juara-MT, com cerca de 300 habitantes, que como a maioria dos distritos, foi construído a partir da implantação de lavouras, da venda de madeira e posteriormente da pecuária. Por meio de uma aula de campo trabalhando interdisciplinarmente com História da Educação Brasileira e Sociologia da Educação, permitiu-nos construir a percepção da memória e de como leitura do espaço torna-se importante instrumento de investigação em busca de rememorar o patrimônio imaterial da localidade.

**Palavras-chave:** História local, 'Grupo social, Águas Claras.

### Abstract

Águas Claras is a small district in the municipality of Juara-MT, with about 300 inhabitants, which like most districts, was built from the implantation of crops, the sale of wood and later from livestock. Through a field class working interdisciplinary with the History of Brazilian Education and Sociology of Education, it allowed us to build the perception of memory and of how reading the space becomes an important instrument of investigation in search of remembering the intangible heritage of the locality.

**Keywords:** Local history, 'Social group, Águas Claras.

### Resumen

Águas Claras es un pequeño distrito del municipio de Juara-MT, con cerca de 300 habitantes, que como la mayoría de los distritos, se construyó a partir de la implantación de cultivos, la venta de madera y posteriormente la ganadería. A través de una clase de campo de trabajo interdisciplinario de Historia de la Educación Brasileña y Sociología de la Educación, nos permitió construir la percepción de la memoria y de cómo la lectura se convierte en el espacio un importante instrumento de investigación en busca de recordar el patrimonio inmaterial de la localidad.

**Palabras clave:** Historia local, 'Grupo social, Águas Claras.

## Introdução

Na década de 1980 o território de Juara, onde se encontra o distrito de Águas Claras, começou a passar por uma revalorização imobiliária, muitas famílias oriundas do sul do país, principalmente do estado do Paraná, compraram terras e vieram em busca do sonho de construir uma vida por meio da produção agrícola e da exploração florestal.

Faziam parte das iniciativas governamentais que tinham como objetivo manter essa população no local, a implantação de uma escola para atender a demanda existente, as igrejas, o campo de futebol, o posto de saúde, o hotel e posteriormente a associação de pequenos produtores rurais.

Todos esses lugares são considerados como patrimônio cultural para os moradores da comunidade, pois era a partir deles que se tinha e tem ainda hoje prática simbólica coletiva de um grupo social que se constituiu em torno de um objetivo comum.

Águas Claras se torna o resultado das relações sociais existentes vinculadas às forças econômicas e políticas, deixa marcas expressas na paisagem, testemunhos que sedimenta recordações, registrando informações de tempos passados que contam a história do lugar. A apropriação simbólica do espaço, acumulada de sentimentos de pertencimento, o particulariza e o transforma em um lugar social, carregado de sentimentos e de recordações.

O lugar é o redimensionamento do espaço dotado de sensações, afeição e referências das experiências vividas ou, de seus significados e das dimensões do movimento da história em constituição enquanto movimento da vida, possível de ser apreendido pela memória, através dos sentidos e do corpo. As memórias são importantes registros vividos que partem das lembranças e eternizam lugares como referenciais e cenários para uma constante visita ao passado, trazendo em si, os mais diversos sentimentos documentados e aflorados em narrativas, sonhos e percepções.

Assim, por meio de uma aula de campo, os(as) acadêmicos(as) da segunda fase formativa do curso de pedagogia unindo a interdisciplinaridade entre as disciplinas História da Educação Brasileira e Sociologia da Educação, puderam vivenciar experiências sobre a educação e sociedade, perceber que esta vila é um lugar de memória, que segundo conceitua Nora (1993, p.21),

são lugares, com efeito, nos três sentidos da palavra, material, simbólico, funcional [...]. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se sua imaginação o investe de uma aura simbólica.

São lugares que estendem uma história regada de cumplicidade, significações, afetividade, pertencimento ou simplesmente de alma. A memória está estratificada no lugar. As histórias contadas, tempo a tempo, estão impregnadas no meio, sedimentadas na saudade e a procura de registros e sinais da ausência que descrevem a memória do lugar. Os moradores que participaram da aula de campo veem partes significativas do seu passado com imensurável valor afetivo.

O texto ajuda na compreensão de estreitos laços entre a memória e o lugar e o processo de construção da vila, na aula utilizou-se das narrativas orais de professores, presidente e vice-presidente da associação, duas jovens e antigos moradores da época que a vila se iniciou para uma leitura fiel da história local, buscando analisar o uso do legado cultural da vida do campo como instrumento de suporte para a auto afirmação da identidade local.

### **A história da ocupação e da educação de Águas Claras por meio da memória dos primeiros moradores.**

Todo lugar tem muitas histórias, nem sempre a historiografia sobre esses lugares reconhece essa multiplicidade e procura submeter a compreensão da história de vilarejos e da vida no campo a variáveis gerais e as gerações que partilham toda a riqueza cultural embutida nos hábitos e costumes populares, caracterizadores do dia a dia e do modo de ser da população que ali vivem passam por mudanças por impulsos econômicos, políticos, sociais e culturais que lhes deem sentido histórico, inclusive o de que vivem e exercem papéis em sociedade.

Com uma eficácia hoje ampliada pela chamada globalização econômica, tão presente em suas vidas, mas distante por não explicar os efeitos negativos e imprevisíveis que em sua visita diária, sem bater à porta, pode exercer sobre elas. Nesta abordagem os acontecimentos da ocupação do lugar e a educação escolar andam juntas. A historiografia sobre o distrito de Águas Claras acompanha assim uma tendência política da década de 1980, consagrando a ocupação da Amazônia e suas

políticas agrárias ao afirmar uma abordagem que valoriza acima de tudo uma interpretação estrutural e de caráter abrangente da história.

Para tanto, buscamos neste texto trazer a relação entre história e memória das primeiras pessoas a ocupar este lugar. Realizamos a coleta dos dados a partir de uma aula de campo, realizada com acadêmicos da segunda fase formativa de pedagogia do Campus Universitário de Juara no ano de 2018, os locais visitados foram a escola onde tratou-se da memória e atualidade da educação escolar, fomos à Associação de Produtores Rurais para conhecer a fonte de renda local, que se dá pela produção de leite, e no salão da comunidade, onde nos encontramos com 11 (onze) dos primeiros moradores da vila, ao som de música sertaneja raiz e jogos de baralho.

As três atividades foram embasadas na memória das pessoas participantes da aula, entendendo que “A memória é a reserva que se dispõe da totalidade de nossas experiências” (BOSI, 1979. p. 13).

Ainda segundo Bosi, “A lembrança é a sobrevivência do passado” (1979. p.15). E é por meio dela que o passado é recontado e perpetuado. É por meio dela que nossas reflexões, nossas descobertas filosóficas se alicerçam.

É revendo imagens de uma história vivida ou ouvida que transmitimos aos outros o conhecimento construído por nossas vivências. “A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo ‘atual’ das representações” (BOSI, 1979. p.09).

Estando no presente, volto ao passado para transformar em palavras as imagens da memória e assim a mensagem passa a ser transmitida, junto com as emoções e com as sensações que acompanharam o vivido ou que são ressignificados no momento presente ao recontá-las.

Uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição (BOSI, 1979. p. 39).

É pela lembrança que recriamos o presente, que fugimos do instante sofrido, assustador e insuportável para aconchegarmos em imagens, em tempos de alegria e bem estar. É o momento em que lembranças e histórias se tornam também curadoras. A criança que ouve o contar das histórias, que recebe imagens vividas em outros

tempos se energiza, tranquiliza e alcança o sono, mesmo em meio a angústia da doença. Isso acontece com jovens, adultos e velhos também.

Em 1982 inicia a vila com a chegada das primeiras famílias vindas do Estado do Paraná, das cidades de Maringá, Alto Piquiri, Engenheiro Beltrão, Rondon, Francisco Alves e Paranaíba. A compra de terras era com a Imobiliária Fértil de Juara. Os migrantes compravam uma parcela e o restante comprariam com um ano no local. A mata era fechada, era urgente fazer derrubadas para construir as casas e dar início às roças para plantar o básico para a sobrevivência.

Essas famílias vinham para trabalhar com lavoura, muitas dificuldades eram encontradas por falta de estrada, transporte e saúde. Algumas famílias conseguiam alguma renda através dos serviços prestados com maquinários pesados utilizados na derrubada da mata e na construção das estradas.

A vila iniciou com sete famílias. Na época tinha um funcionário da Imobiliária Fértil que fazia a divisão das terras e era o responsável pela “boa conduta no lugar” e diziam que era o delegado da vila, qualquer ocorrência levava para ele, para resolver. Tinha um posto de gasolina com um funcionário, uma farmácia com uma enfermeira que atendia vários casos de doenças, e, somente casos de emergência que eram enviados os pacientes para a cidade em Jeep dos moradores.

A vinda de várias famílias levou a população a querer uma escola, e a primeira escola era atendida pelo Município de Juara, sendo a nomeada Escola Municipal José Kara José (figura 01), com uma sala de aula multisseriada, atendendo as séries iniciais da educação básica, tendo uma professora, posteriormente a escola passou a ter duas salas de aula porque a demanda de alunos aumentava, e com isso passou a ter quatro professores, atendendo duas turmas pela manhã e duas turmas a tarde.

Dentro da vila ficou reservada uma quadra somente para a escola, com o passar dos anos a escola foi aumentando seu espaço físico. No ano de 1988 passou a atender a quinta série, essa turma era uma sala anexa da Escola Estadual José Alves Bezerra de Juara, que se localizava na cidade de Juara-MT.

Somente no ano de 1991 a escola deixou de ser municipal e passou a ser estadualizada, recebendo o nome Escola Estadual Dom Aquino Correa, atendendo as séries iniciais da educação básica e quinta a oitava séries, passou a ter diretor por meio de indicação do Governo, era atendida pela DREC – Delegacia Regional de

Ensino e Cultura localizada na cidade de Juara, o diretor escolhia uma secretaria, uma auxiliar de secretaria, um vigia noturno, duas merendeiras e duas zeladoras.

**Figura 01 - Escola antiga**



**Fonte:** acervo pessoal dos autores

Para os cargos de secretaria e auxiliar de secretaria exigia que tivesse curso de datilografia e ensino médio, os demais funcionários não exigia escolarização.

A escola era construída com uma estrutura de madeira, tinham professores que vinham de Juara em um ônibus que transportava os alunos das comunidades rurais Seringal, Serrinha 1, Serrinha 2 e Garantã. Porque na vila não tinha o quadro suficiente de professores para atender a demanda. O Trajeto desse ônibus era somente no período noturno para atender da 5ª a 8ª série.

Em 1992 teve a primeira turma do ensino médio, as aulas aconteciam na Associação de Produtores Rurais por falta de sala de aula. O fato de ter professores formados com nível superior somente para atender de 5ª a 8ª série e ensino médio, a Pré escola e de 1ª a 4ª série eram professores formados ou em formação do Magistério, porém essa conquista foi de forma gradativa por não haver na região oportunidades de cursar ensino superior.

**Ronélia do Nascimento; Denise Wurzler; Alceu Zoia.**

## A memória e história da formação e da educação de Águas Claras Distrito de Juara–MT

Em 1993 a escola passou para uma estrutura física de alvenaria e foi construída uma quadra de esportes, desde o início da implantação da escola em Águas Claras ela já atendia estudantes que moravam na vila e também vários estudantes que vinham dos sítios que ficavam localizados nas proximidades.

O ensino médio funcionou até o ano de 1996 e, a partir de 1997 os alunos passaram a ir de ônibus da prefeitura para estudar na cidade de Juara. Com o passar dos anos algumas famílias foram embora, com isso foi diminuindo o número de alunos. Atualmente a escola é classificada como uma escola do campo (figura 02), tendo alunos que vêm de fazendas e sítios trazidos por veículos do transporte escolar e os alunos que moram na vila.

A estrutura física tem melhorado, a escola tem biblioteca, quadra coberta, laboratório de informática e horta, o quadro de professores e profissionais da educação são todos moradores do distrito de Águas Claras.

**Figura 02 - Escola atual**



**Fonte:** acervo pessoal dos autores

## A memória e história da formação e da educação de Águas Claras Distrito de Juara–MT

Muitas famílias foram embora do distrito de Águas Claras devido as mudanças da economia local, iniciou com a lavoura, depois a pecuária, os pequenos sítiantes e chacareiros foram aos poucos vendendo suas terras, indo morar na cidade e outras regiões.

Para atender as necessidades econômicas em 1988 foi construído e criado a Associação de Pequenos Produtores Rurais e Moradores de Águas Claras (figura 03), tendo muitos associados, a associação tinha uma camionete F400 para fretes de mercadorias, uma ambulância, um trator, uma farinheira e uma máquina de arroz.

A associação era organizada por uma diretoria composta por um presidente e vice-presidente, tesoureiro e vice-tesoureiro, secretário e vice-secretário, e três conselheiros.

**Figura 03 - Águas Claras e o local da associação destacada**



Fonte: acervo pessoal dos autores

A associação era chamada APRUMAC - Associação de Pequenos Produtores Rurais e Moradores de Águas Claras, tendo sua sede em um lote doado pela **Ronélia do Nascimento; Denise Wurzler; Alceu Zoia.**

## A memória e história da formação e da educação de Águas Claras Distrito de Juara–MT

imobiliária Fértil, era um local que gerava emprego para algumas pessoas, nela trabalhavam uma secretária no escritório, um rapaz na máquina de arroz, um tratorista, um motorista da ambulância e outro motorista da F400.

Como a lavoura foi enfraquecendo, porque produzia nas terras por dois ou três anos e depois não tinha uma produção boa, devido a falta de investimento na recuperação do solo, os produtores rurais começaram a plantar capim de criar gado de corte, com o passar de anos investiram no gado leiteiro e hoje a associação mudou de nome, AMPAC – Associação de moradores e produtores de Águas Claras, tendo a diretoria composta por presidente e vice presidente, tesoureiro e vice tesoureiro, secretário e vice secretário, conselheiros.

A associação atende aos produtores de leite, tendo quatro resfriadores, com vinte associados, o leite é vendido para o laticínio de Juara. Pela manhã os produtores levam o leite até os resfriadores, tem um rapaz que trabalha recebendo o leite, testando a acidez e quantos litros cada pessoa levou.

O laticínio também faz seu trabalho, buscando o leite a cada três dias sem se importar com o dia da semana. O laticínio repassa R\$ 1,00 por litro de leite para a associação. Para pertencer a associação é necessário ser produtor de leite e não precisa pagar taxa alguma para ser associado.

O banco do Brasil está oferecendo recursos através do PRONAF – Programa de Fortalecimento Nacional da Agricultura, que são programas oferecidos pelo governo que ajudam os pequenos e grandes produtores rurais, oferecendo o dinheiro que chamamos de fundo perdido, não precisa fazer devolução do recurso.

Os produtores tem esperança em receber o dinheiro para realizar todos os projetos de melhorias que ali precisa.

Para entender melhor sobre a história do lugar, a atividade foi realizada no salão de festa da comunidade com os antigos moradores (figura 04), enquanto alguns jogavam truco, ouvindo música sertaneja raiz ao vivo (figura 05).

**Figura 04 - Atividade com os primeiros moradores de Águas Claras**



Fonte: acervo pessoal dos autores

**Figura 05 - Música ao vivo**



Fonte: acervo pessoal dos autores

Por meio de conversa com um roteiro de perguntas os acadêmicos foram coletando as histórias dos moradores, desde a chegada no distrito de Águas Claras,

Ronélia do Nascimento; Denise Wurzler; Alceu Zoia.

como ficaram sabendo desse local, as dificuldades encontradas, os sonhos de melhorias, o lazer do passado e do presente.

Recordar, lembrar e, portanto, a memória é também lócus de compartilhamento entre pessoas e grupos em pelo menos dois momentos: o instante em que os fatos, a história acontecem e os instantes em que serão recordados depois. “A memória é, sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo. (BOSI, 2003. p. 53).

Os entrevistados explicam sobre o nome da vila, que teria sido escolhido devido ao fato de ter um rio próximo com o mesmo nome, desta forma ficou sendo Águas Claras. Citam que no início enfrentaram muitas dificuldades em todas as áreas, na educação, saúde, alimentação e trabalho, mesmo assim, com as dificuldades batalharam e não desistiram.

Relataram que na saúde, primeiro tinham a farmácia com uma enfermeira, depois um posto de saúde que permanece até hoje, nela tem uma agente de saúde que atende as pessoas e também faz visitas nas casas.

No passado por ter muito mato, a população usava como alimento a caça, atualmente é raro ter as caçadas, e o lazer, um deles foi e é o futebol, antigamente tinha bailes de sanfona em barracas de lona, depois teve um clube e hoje as festas acontecem no salão da igreja católica.

Dessa forma, cultura e memória se ligam e se complementam. Memória enquanto elo, enquanto fio condutor, enquanto linha de transmissão que permite que viveres, memórias-hábitos, imagens-lembranças, sejam re-existent no tempo. A cultura em meio a isso é o conteúdo. É o que está na memória, o que está nas imagens, no cotidiano, no condicionamento. Ela pode ter se desenvolvido a partir da relação do homem com objetos, e pelo princípio da semelhança.

É difícil conceber como despertaria em uma consciência isolada o sentimento da identidade pessoal, talvez porque nos parece que um homem inteiramente só não poderia se lembrar de modo algum. Contudo, se admitimos que no mínimo não muda o ambiente exterior no qual estaria um ser assim, se ele não estiver sempre mudando de lugar, nada impediria que se habitasse pouco a pouco aos objetos materiais que o circundam e que se apresentam frequentemente a seus olhos. Revendo os mesmos lugares, ele talvez recordará que já os viu e este poderia ser seu ponto de partida de um sentimento do eu. É claro, nem tudo é uniforme neste círculo material e segundo o acaso de seus impulsos, ele um dia irá para esse lado, em outro dia para aquele. Movimentando-se num círculo limitado e voltando muitas vezes sobre seus próprios passos na região, em que se desloca, nada o

impede de ser mais sensível às semelhanças do que às diferenças. Todos esses objetos realmente se parecem, pelo fato de estarem mãos ou menos estritamente ligados em sua consciência. Ainda não é uma sociedade, mas o homem já pode sentir que é duplo, pois enquanto um grande número de suas impressões se sucede sem deixar traços, outros se agarram a objetos estáveis, ele deve perceber que em si contém dois seres – um que está sempre mudando e não passa de (desaparecimento do passado) aparição breve e desaparecimento imediato que absolutamente não se conserva e não deixa traços... (HALBWARCHS, 2006. p.110)

Uma pedra que em formato afiado está sempre no mesmo lugar, que aos poucos é descoberta enquanto instrumento de corte. É um acontecer que se torna cultural, na medida em que a pedra se torna utensílio utilizado seguidamente. É cultural quando o ato de utilizar a pedra com o corte é ensinado a um outro e a um outro em seguida.

Pois nesse ensinar, logo o grupo o utilizará, logo será um condicionamento. Um fazer sem o pensar, mas, um saber transmitido na prática. É cultural na medida em que define relação entre homem e natureza, ou homem e homem. É perpetuado na medida em que passa pelo fio da memória e re-existe continuamente.

A cultura é assim, o conteúdo das imagens, o conteúdo do que condiciona, do que nos torna socializáveis e compartilhantes entre os nossos. É o fluido que é transmitido pela memória, pela linha do tempo, que sobrevive de geração para geração em tempos e espaços que parecem vários, mas que podem ser apenas um. (HALBWACHS, 2006).

Um único que não se define numa linha reta, tal como habituados estamos, mas, que acompanha o ritmo e a velocidade de cada um. Ou que se torna único ditado pela lógica do global, do comum. Dessa forma, cultura e memória se ligam e se complementam. Memória enquanto elo, enquanto fio condutor, e cultura enquanto conteúdo que se perpetua na história.

De acordo com Leontiev (2004, p. 301) o homem vai incorporando os conhecimentos produzidos pelas gerações anteriores como resultados de um processo sócio-histórico e cultural, pois:

O homem não nasce dotado das aquisições históricas da humanidade. Resultando estas do desenvolvimento das gerações humanas, não são incorporadas nele, nem nas suas disposições naturais, mas no mundo que o rodeia, nas grandes obras da cultura humana. Só apropriando-se delas no decurso da sua vida ele adquire propriedades e faculdades verdadeiramente

humanas. Este processo coloca-o, por assim dizer, aos ombros das gerações anteriores e eleva-o muito acima do mundo animal.

Entendemos que as aptidões dos seres humanos não são herdadas biologicamente, mas vão sendo adquiridas e desenvolvidas através da apropriação da cultura produzida pela humanidade, ou seja, “cada indivíduo aprende a ser um homem. O que a natureza lhe dá quando nasce não basta para viver em sociedade” (LEONTIEV, 2004, p. 285).

Vários homens usavam como diversão o jogo de baralho no meio da avenida principal de frente a um dos bares da vila, passam horas jogando e conversando. A vila tem aproximadamente 120 casas, com cerca de 300 habitantes, dizem que é um pedacinho do paraíso, o jeito das pessoas encanta quem chega, o ambiente é agradável para quem gosta de tranquilidade, porém esse é um lugar que necessita de cuidados por parte de todos.

As pessoas que ali vivem estão sempre sorrindo e conversando, parece que todos são da mesma família, alguns trabalham muito, mas todos possuem um tempinho para conversar, rir, jogar truco, torneio de futebol e etc. A maioria das famílias sobrevivem da pecuária, principalmente da venda de leite. Existem várias pessoas da terceira idade mesmo sendo aposentadas, trabalham na pecuária e venda de avicultura, derivados do leite, farinha, frutas e legumes.

As instituições públicas que geram empregos são, a escola que conta com 21 funcionários, tem o escritório da prefeitura com três funcionários, o posto de saúde com três funcionários e o correio com um funcionário.

Outra fonte de renda é o trabalho doméstico e a associação AMPAC – Associação de Moradores e Produtores de Águas Claras, que emprega um funcionário para receber o leite e guardá-los nos resfriadores, atender a entrega leite quando o caminhão do laticínio de Juara vai buscar três vezes na semana. A farinheira também emprega dois funcionários, tem uma borracharia com um funcionário e uma escola de computação da igreja católica que emprega um funcionário que dá aulas aos domingos.

A maioria das pessoas empregadas são homens, as mulheres ficam com trabalhos domésticos em suas casas e outras vendem confecções, outra mulher é dona de um salão de beleza.

A maioria da população são da religião católica, tem como cultura fazer terços, novenas, aniversários e casamentos, possibilitando as relações interpessoais da comunidade. Nos aniversários e casamentos as famílias evangélicas são convidadas e costumam participar. Quando têm eventos das igrejas evangélicas as famílias católicas são convidadas e também participam.

Assim, nosso ponto de partida poderia estar no pensar a cultura como sendo a interação entre um modo de vida, as formas dadas a ele e os símbolos que certo grupo cria e vivencia em seu dia a dia. Formas e símbolos que são reconhecidas não apenas entre os seus participantes, mas, em alguma medida, por outros grupos que vivem e se manifestam culturalmente de forma diferente (WILLIAMS, 2008).

### **Considerações Finais**

Por meio de uma aula de campo na comunidade Águas Claras, distrito de Juara-MT, articulamos as disciplinas de História da Educação Brasileira e Sociologia da Educação para produção de conhecimento para acadêmicos (as) da segunda fase formativa de Pedagogia da UNEMAT, Campus Universitário de Juara.

Tivemos o objetivo compreender que os conhecimentos não se limitam a retratar contingentes e que não produzem generalizações abstratas, são resultados de uma articulação entre essas duas disciplinas, iniciamos com uma postura pedagógica teórico-metodológica em sala e aula e na aula de campo.

Durante a aula de campo demos ênfase a uma dimensão dos fenômenos em detrimento a abordagem que trouxessem elementos que levassem a pensar a articulação entre história e sociologia como o caminho mais fértil para se explicar acontecimentos de um lugar. Compreender as mudanças históricas apreendidas pelas questões sociais, das decisões, ideologia, práticas concretas dos atores sociais e da política da época.

As memórias acumuladas historicamente das pessoas que participaram das atividades pode ser percebida que em suas narrativas que surgiram a partir de personagens contados na vida real e que fizeram parte da construção sócio histórica deste lugar, apareceram símbolos culturais, até mesmo o mais expressivo patrimônio

humano da história de Águas Claras que é um casal, já falecidos, eram donos do antigo hotel da vila. Falamos que o casal e a própria casa que está em ruínas fazem parte do patrimônio da história local, pelo entendimento que o patrimônio não é apenas para ser visto, mas para ser ouvido, narrado, sentido, ou melhor, para se fazer uso de todos os sentidos.

Nas memórias e narrativas das pessoas foi possível discorrerem sobre a história local, os anseios do passado e do presente como se fizessem uma leitura de sua própria vida. Pois não queríamos que nossos(as) acadêmicos(as) visse o lugar sob a ótica do que é esteticamente valorizado se aproximando de um laço fragilmente atado por uma percepção externa, diferente do olhar interior, de propriedade típica de quem também se sente parte integrante do patrimônio local.

As entrevistas com professores, presidente e vice presidente da associação, a visita antigo hotel e ouvir de pessoas que nasceram ali sobre antigos donos do hotel, e a entrevista com os primeiros moradores são as referências no espaço e no tempo que guardam em si as memórias do lugar, foi contada a história por meio de elementos concretos, resultado de uma herança cultural, aguçando a curiosidade de diversos olhares direcionados a um só espaço, as lacunas deixadas pela história quase adormecida, é preciso irmos em busca dessas releituras ressurgindo as lembranças, memorizadas pelos antigos moradores e organizada por um novo encontro, comprometido com reforço dos traços identitários e a reafirmação de pertença, no respeito aos lugares de memória e aos laços que eternizam o lugar.

## **Referências**

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Tao. 1979.

\_\_\_\_\_. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê. 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. São Paulo: Centauro. 2006.

LEONTIEV, Aléxis. **O Desenvolvimento do Psiquismo**. 2 ed. São Paulo: Centauro, 2004.

**A memória e história da formação e da educação de Águas Claras Distrito de Juara–MT**

NORA, Pierre. **Entre a Memória e a História: A problemática dos lugares**. Trad. Yara Aun Khoury. In: Projeto História, são Paulo: dez 1993.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Recebido: 20/08/2022.

Aprovado: 20/12/2022.

Publicado: 01/01/2023.